

A EDUCAÇÃO FÍSICA E A CONSTRUÇÃO DO CORPO DA MULHER: IMAGENS DE FEMINILIDADE

Silvana Vilodre Goellner*

RESUMO:

Este texto diz sobre Educação Física e a construção de imagens de feminilidade. Diz, mais particularmente, sobre as práticas corporais e esportivas e a visibilidade do corpo feminino nos anos 30 deste século. Diz sobre algumas estratégias construídas para o corpo feminino e a ação da Educação Física deste tempo, cujas conseqüências, ao mesmo tempo que possibilitam a exibição do corpo feminino promovem, também, estratégias para o seu ocultamento.

ABSTRACT:

This text is about Physical Education and images of femininity. More specifically, it refers to the corporal and sportive practices, as well as to the visibility of the feminine body in the 30th of this century. It discloses some strategies building for the women's body and the action of the Physical Education at this period, which had the consequence of making permissible the exhibition of the feminine body, while, at the same time, promoting strategies for its hiding.

O tema corpo e sociedade, imprescindível para uma melhor compreensão da nossa intervenção enquanto profissionais de Educação Física, merece atenção e reflexão.

Nunca se falou tanto em corpo quanto nesse final de século como também são inúmeras as possibilidades de conhecer e intervir sobre o corpo humano, ora voltadas para a saúde entendida como qualidade de vida, para o lazer, para o rendimento ou para a exercitação de suas capacidades expressivas. O vestuário, os padrões estéticos, as atividades corporais ditas alternativas, os esportes radicais, o uso de adornos como tatuagens, piercings entre outros exibem um corpo que, à primeira vista parece despir-se de determinadas convenções, fundamentalmente, aquelas existentes até meados deste século onde o corpo mais que exibido era ocultado.

Nesse sentido, podemos refletir como o fez Jorge Crespo na introdução de seu livro intitulado "A História do corpo":

“E a questão que se pode formular é a seguinte: o fenômeno traduz uma verdadeira libertação do

* Professora do Departamento de Desportos da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

corpo, relativamente a antigos constrangimentos ou, pelo contrário, não representa mais que uma forma, porventura subtil utilizada para continuar a exercer a repressão? Será que ao ascetismo do passado sucederia outro sistema de valores, mais adequados aos nossos tempos, permitindo, igualmente, assegurar o controle sobre o corpo? Não se escondendo as dificuldades em responder a estas perguntas deverá sublinhar-se, em relação a um passado de negação do corpo bem como a um presente de afirmação do mesmo, um traço comum: a assimilação do corpo a um objeto real, existindo por si próprio, na sua materialidade biológica. No entanto, ao contrário do que desta idéia se poderia inferir, o corpo não é um dado imutável, antes se revelando na sua historicidade, sendo a origem e o resultado de um longo processo de elaboração social.” (Crespo, 1990, 8-9)

Sendo o corpo uma construção histórico-social meu olhar sobre o tema direciona-se ao corpo feminino visto que ao longo do tempo muitas foram as estratégias de controle e ocultamento a ele dirigidas. Falo da construção de imagens de feminilidade como possibilidade de vigilância sobre o corpo e o comportamento da mulher, imagens essas que aparecem em diferentes espaços e tempos, sob diferentes formas, estratégias e discursos.

Na sociedade brasileira podemos verificar que nos anos 30 deste século essas imagens aparecem nos anúncios publicitários, nos almanaques, nas telas dos cinemas e nas revistas, em especial, naquelas destinadas ao público feminino.

A Educação Física, área de conhecimento e intervenção em expansão nesse período, não se exime de, através de suas produções, construir também imagens do corpo feminino seja através dos livros publicados no período, seja através de seus periódicos. Muitos poderiam ser os textos analisados, no entanto, optei por trabalhar com duas obras que são particularmente interessantes para a análise desenvolvida visto que configuram-se como os primeiros livros publicados no Brasil a tratarem especificamente da Educação Física feminina, ou melhor, da sistematização de atividades físicas voltadas especificamente para o corpo feminino. São eles: “*Educação Physica Feminina*”, de Orlando Rangel Sobrinho, publicado no Rio de Janeiro em 1930 e “*Cultura Physica Feminina*”, da professora Lotte Kretzchmar publicado na mesma cidade em 1932.

Nas suas obras, os autores são rigorosos em afirmar que a prática de atividades físicas é necessária a mulher que se moderniza e que tem como missão colaborar para o fortalecimento nacional através daquela missão que lhe foi conferida dada a especificidade de sua natureza: a procriação. Sob influência dos ideais eugênicos amplamente divulgados no período em que publicaram seus textos, ser feminina é para estes autores ser capaz de gerar filhos fortes para uma nação forte. Razão pela qual consideram fundamental um bom preparo físico, emocional e moral o que significa, também, ter um corpo saudável e aparentemente belo.

Escrito como exigência regulamentar para a conclusão do curso de Educação Física no Centro Militar de Educação Física, no Rio de Janeiro, o texto do Capitão Orlando Rangel Sobrinho teve boa repercussão entre os colegas, motivo pelo qual, logo foi publicado em forma de livro.

O Tenente Aurélio Lyra, autor do prefácio, faz uma reverência à obra por identificar nela conhecimentos capazes de colaborar para a regeneração racial do povo brasileiro. Assunto que considera de extrema importância pois acredita que qualquer programa com esse objetivo deve iniciar pela mulher visto que é pela hereditariedade que se transmitem as taras e os defeitos marcados pelas gerações. Tece seu texto como se fosse uma carta ao autor cujo conteúdo revela sua admiração pessoal ao colega e a admiração pelo trabalho realizado. Vejamos:

“Meu caro Rangel:

O trabalho que eu tive em insistir, junto a você, pela publicação deste estudo, visava mais o nosso do que o seu proveito. Era um serviço que julgava, e julgo prestar a essa campanha, já hoje nacional, pela educação física racional de nosso povo, em que o Exército vem de empenhar-se, com vistas muito largas, mercê do espírito patriótico dos nossos chefes e da tenacidade de um grupo de camaradas, e cuja difusão e cujos ótimos proveitos já tem nos seus estudos uma animadora e positiva demonstração.

Foi por isso que insisti nesse desejo, apesar das relutâncias com que você se lhe opoz. E, força, é confessar, o que talvez o tenha feito, afinal, prevalecer, foi, e é natural que o tenha sido, a sua vaidade e a sua ambição, que eu tenho como bastante louváveis, de se ver concorrendo por uma obra verdadeiramente grandiosa que constitui, por si só, na falta de todos os outros, um argumento convincente para justificar as vantagens e a necessidade do Sorteio Militar.” (Lyra, 1932:IX)

As palavras do Tenente Lyra, além de registrar que a regeneração da raça era, também, uma preocupação do Exército faz ver que à mulher é designada grande responsabilidade nessa questão particular. Segue o prefácio:

“De facto, qualquer programma de regeneração racial pela educação física científica e methodica há de, por força, começar, no terreno pratico, applicando-a á mulher. Numa phase, pode se dizer inicial, de campanha, você não poderia, por isso, receber dos instructores do nosso Centro Militar de Educação Physica, um assumpto mais opportuno nem mais importante, para estudar.

Pois, se é principalmente pela hereditariedade que as gerações se transmitem as taras e os defeitos, há de ser a mulher,

logicamente, o ponto indicado para estudal-os localizal-os e corrigil-os.” (Rangel Sobrinho, 1932, 33.)

Assim sendo, “*Educação Physica Feminina*” foi escrito cultivando essa idéia. Orlando Rangel Sobrinho explicita não só a necessidade que a nação brasileira tem de recorrer à programas de educação física racional e higiênica como responsabiliza o Exército para a condução de tais fins. Baseado no conceito de eugenia de Galton que visa a criação de um raça forte capaz de, pela sua superioridade qualitativa, vencer as mais fracas, tece comentários sobre algumas ações que países modernos implementaram e que poderiam muito bem ser adotados no Brasil. Cita como exemplo o exame pré-nupcial, a esterilização eugênica dos degenerados e a educação feminina para prática atividades físicas.

Divide seu livro em oito capítulos onde aborda temas como: considerações gerais sobre a educação física e o problema brasileiro (melhoria da raça); a educação física feminina através dos tempos e a decadência física da mulher moderna em conseqüências da falta de exercícios; a mulher e os desportos; concepção de beleza e o método ginástico francês. Em cada capítulo faz uma revisão bibliográfica sobre o assunto em questão utilizando-se de autores nacionais e estrangeiros. Visita alguns autores clássicos que contribuíram para a estruturação da Educação Física, como por exemplo, Francisco de Amoros y Ondeano, Philippe Tissié, Pestalozzi, Mosso, Jean-Jacques Rousseau, entre muitos outros, e também algumas publicações estrangeiras dos anos 20, produto de teses e dissertações.

Rangel Sobrinho entende que enquanto o Brasil não possuir um método próprio de Educação Física, o método ginástico francês é aquele que melhor pode adaptar-se ao nosso povo, inclusive, pelos seus ideais eugênicos. Para legitimar essa escolha apoia-se nos estudos de Georges Demeny, um dos seus criadores, ressaltando a atenção que o fisiologista francês teve para com a Educação Física feminina.

Ao descrever as atividades próprias do Método Francês e sua aplicação às mulheres, num item que chama “Considerações sobre a aplicação do método francês ao sexo feminino”, Rangel Sobrinho afirma:

“Até a idade de 7 ou 8 anos, os exercicios physicos são os mesmos para ambos os sexos. Dos 9 aos 10 surgem diferenças, cada vez mais accentuadas.

Os exercicios de força devem ser abolidos, pois o fim principal da mulher é procrear e não lutar. Os exercicios que contribuem para o desenvolvimento normal da bacia são particularmente indicados. Não se devem applicar á mulher os exercicios que concentram o trabalho na região superior do corpo. é preciso nunca esquecer a correcção das formas femininas.

Choques e abalos fortes devem ser evitados. Todo o exercicio utilitario deve ser sempre associado á belleza. A harmonia é encontrada nos exercicios syntheticos, onde todas as partes do corpo concorrem para um determinado effeito.

Durante a puberdade, ao contrario do rapaz, a moça torna-se mais calma e reservada;

nessa ocasião a educação physica deve ser essencialmente higienica. As funcções physiologicas especiaes da puberdade são incompativeis com o esforço muscular intenso.”
(Rangel Sobrinho, 1932, 87)

Rangel Sobrinho dedica páginas de seu livro à descrição, em linhas gerais, do método ginástico francês aplicando-o ao desenvolvimento físico da mulher, onde faz uma análise minuciosa. Nesse tópico, descreve as lições de ginástica nos seus detalhes, reproduz quadros de desempenho físico, fichas de acompanhamento individual, fórmulas para determinar peso ideal, tabelas de altura, padrões das medidas dos segmentos corporais, métodos para mensurar a capacidade pulmonar e muscular entre outros demonstrando conhecimento sobre o método em questão. Apoiado nos estudos de Georges Hébert¹, cita as medidas necessárias a uma mulher bem proporcionada:

*“Largura do busto24 a 25 % da altura
Largura da bacia20 a 21 % da altura
Largura da cintura38 a 40 % da altura
Circunferência do torax52 a 56 % da altura
Circunferência do abdomen.....38 a 40 % da altura
Circunferência do pescoço.....20 a 21,5 % da altura
Circunferência do ante-braço.....14 a 15 % da altura
Circunferência do braço distendido.....18 a 19 % da altura
Circunferência do braço flexionado....20 a 21 % da altura
Circunferência da coxa31 a 33 % da altura
Circunferência da barriga da perna.20 a 21,5 % da altura.”* (Rangel Sobrinho, 1932, 33)

De acordo com essas proporções sugeridas por Hébert, o Capitão Orlando Rangel Sobrinho, calculou que o tipo feminino normal e belo deveria possuir as seguintes dimensões, em metro:

*Altura1,650
Largura0,396 a 0,412
Largura do busto0,330 a 0,347
Largura da bacia.....0,627 a 0,660
Cintura0,858 a 0,925
Circunferência do torax0,627 a 0,660
Circunferência do abdomen.....0,330 a 0,354
Circunferência do pescoço.....0,231 a 0,247
Circunferência do ante-braço.....0,297 a 0,313
Circunferência do braço distendido.....0,330 a 0,347
Circunferência do braço flexionado.....0,510 a 0,544
Circunferência da coxa.....0,330 a 0,354*

Circunferência do barriga da perna.....0,231 a 0,247”
(Rangel Sobrinho, 1932, 33)

Além de recomendações como estas, o autor aconselha para a mulher a prática sistemática de exercícios ginásticos, dança rítmica e esportes (em especial a natação) pois só assim poderá adquirir beleza e saúde. Entende, ainda que não são todos os esportes e os exercícios adequados ao seu organismo sendo necessário, portanto, muito cuidado para que não sejam feridas as suas características específicas de mulher, em especial, sua feminilidade. Afinal, acredita o autor,

“a educação physica e desportiva da mulher, de modo algum tem por ambição, como proclamam muitos incompetentes, formar campeãs e dansarinas. Ella se contenta, e isto lhe basta para ser orgulhosa de sua obra, em dotar a jovem de um dos meios mais seguros e accessiveis de adquirir as qualidades physicas e moraes necessarias para ser digna de usar, em toda a accepção do termo, este simples título, o mais bello de todos, e que é premio de si mesma - ser mulher. (Rangel Sobrinho, 1932, 36-37)

O livro da professora Lotte Kretzchmar trilha um caminho semelhante. O prefácio, escrito pelo Dr. Augusto de Lima, membro da Academia Brasileira de Letras deixa clara essa afirmação:

“Não conheço, a não ser de origem exotica, livro algum no Brasil que se possa comparar a este, em minucia, clareza, rigor de raciocínio e elevação de pontos de vista com que, depois de explanações eruditas sobre a historia, a arte e a sciencia, se firma com vigor cada um dos pontos fundamentaes da educação physica da infancia e da mocidade. Através da anatomia, da physiologia e da phatologia, é o organismo humano estudado em todas as suas modalidades de aperfeiçoamento possivel ou de cura e correcção. O vigor, a saúde e a belleza são os atributos das raças superiores. (...) Se me assistisse autoridade, eu aconselharia a adopção deste livro nos estabelecimentos de educação, não só aos governos da União, dos Estados e dos Municípios, mas também a todos os mestres e a todas as mães de família”. (Lima, 1932:3)

“*Cultura Physica Feminina*” é um livro que chama a atenção não apenas pelo conteúdo mas também pela recorrência à imagens. Nesse aspecto revela-se inovador pela riqueza de ilustrações que utiliza para exemplificar suas afirmações. Mais de 120 fotos são

distribuídas ao longo das suas 169 páginas. Fotos da estatuária grega, de mulheres seminuas em posição estática onde se pode observar os aspectos anatômicos do seu corpo ou de mulheres vestidas executando exercícios do método de cultura física desenvolvido pela autora.

Nesse aspecto é interessante ressaltar uma questão importante: várias das fotos publicadas pela professora Lotte são copiadas do livro *L'Éducation physique feminine. Muscle et beauté plastique*, de Georges Hébert, publicado em Paris em 1919. Em algumas dessas fotos a fonte é mencionada. Noutras, simplesmente, omitidas.

O livro é dividido em três partes: introdução e aspectos históricos da cultura física; aspectos anatômicos e fisiológicos do corpo humano e descrição do método de cultura física desenvolvido pela autora.

Na primeira parte a autora ressalta a relação entre cultura física e beleza feminina buscando esclarecer o leitor/leitora sobre a importância da prática de atividades físicas, não só para o embelezamento como também para a aquisição e manutenção de um bom estado de saúde. Recorre à história e à arte antiga tanto para justificar suas afirmações como para explicitar a concepção de beleza que adota ao longo do texto e que está centrada na harmonia e na proporcionalidade das formas corporais.

“a historia, manancial perenne de onde abrolham n’uma sequencia estonteante as mais encantadoras mulheres, projecta aos gorgolhões luz forte na noite dos tempos, fazendo emergir as figuras lendárias de Niobe, Cibéle, Aphrodite, Semiramis, entidades da mais suprema beleza. Essas mulheres, que enchem o passado, tinham pela cultura physica mais alta conta, procuravam tirar as vantagens que ella proporciona aos que bem a praticam.” (Kretzchmar, 1932, 4)

A partir da introdução, a autora se preocupa em explicitar a composição e o funcionamento dos aspectos anatômicos e fisiológicos do corpo humano, dividindo sua análise em nove itens: “bio-cultura physica; systema ósseo; systema muscular; systema nervoso; respiração; circulação; vícios e attitudes; acção da cultura physica sobre o abdomen e vantagens da cultura physica”. Cuidadosa com os detalhes de sua explicação, a professora Lotte, a cada item, tece comentários sobre a especificidade do corpo feminino citando, várias vezes, os estudos realizados pelos fisiologistas franceses que, no século XIX, estruturaram as bases da ginástica científica, como por exemplo, Georges Demeny, Jules Marey e Ferdinand Lagrange.

Para ela,

“O exercicio physico que não é senão a pratica de movimentos bellos e harmoniosos do corpo, destinados a augmentar a actividade do organismo e favorecer o seu desenvolvimento, dando em relação á parte physica - belleza e proporção das formas - e á parte espirital qualidades physicas taes como: força, belleza, alegria, entusiasmo de viver; a sua falta debilita o corpo, atrophia os musculos, torna deficiente a circulação e a reacção contra as alternativas da

temperatura; entorpece os orgaos, diminue a beleza do organismo, debilita todas as actividades em que a força é necessária, desequilibrando a harmonia physica e mental.”
(Kretschmar, 1932, 13)

Lotte Kretschmar finaliza seu livro descrevendo minuciosamente o seu método de cultura física, cujos exercícios estão explicados a partir da seguinte divisão: exercícios respiratórios; marchas; membros inferiores; cabeça, tronco e braços; exercícios do tronco; exercícios de relaxamento; exercícios sentados; exercícios ajoelhados; exercícios de costas; exercícios deitado sobre um lado; exercícios apoiadas as mão e pontas dos pés; pulos e saltos.

Ao defender a cultura física como uma condição para a beleza, a autora recomenda a máxima cautela na escolha de quem dirige os exercícios, alertando as leitoras para que procurem apenas aqueles especialistas que possuam cultura médica. Isto é, que conheçam muito bem a anatomia, a fisiologia e, em parte a patologia, pois “o acto de fazer gymnastica não é sufficiente - o que é preciso é fazel-a de accôrdo com as regras e preceitos ditados pela sciencia moderna”. (Kretschmar, 1932, 4)

A esse conselho corresponde também uma preocupação com ideais eugênicos na medida em que as atividades físicas eram observadas como uma forma potencial de melhorar a raça brasileira do ponto de vista da sua saúde e condição física. Ao desenvolver seu método de cultura física feminina, a professora Lotte busca contribuir para a concretização desses objetivos pois entende que “a moça de hoje indubitavelmente virá a ser a mãe de amanhã; logo, prepará-la physicamente é assentar os alicerces sólidos da geração futura. Fouillé diz com muito acerto: “a mulher não está encarcerada no seu eu, ella é a humanidade visivel; e sua educação é uma obra, cujo interesse se projecta além do indivíduo”. (Kretschmar, 1932, 123)

Ainda que “*Cultura Physica Feminina*” tenha um discurso semelhante aquele presente na obra do Capitão Orlando Rangel Sobrinho, este livro tem uma particularidade bastante interessante que recai na apologia à beleza feminina. Desde seu primeiro parágrafo, a beleza aparece como um fim a ser perseguido pelas mulher. Uma razão a justificar sua existência. Escreve a autora:

“A belleza plastica foi sempre uma conquista da cultura physica.

Os corpos das mulheres immortalizados nos marmores têm servido de thema a uma porção de gerações de intellectuaes.

A mulher na ansia infrene de attingir a perfeição fez-se em remigios, ultrapassou as fronteiras, criou o sobrenatural.

Um relancear d’olhos sobre o passado basta para fazer ressaltar no ecran do nosso espirito, imponentes, majestosas, cheias de graça, prenhes de viço, ungidas de peregrino encantamento, esses exemplares de belleza em todas as mais requintadas manifestações, perpetuadas pelo genio miraculoso de Da-Vinci, Miguel-Angelo, Ticiano e tantos outros, cujo trabalho permanecerá sempre como fontes inesgotaveis de inspiração.

Os thesouros de arte plastica avaramente guardados nos museus permanecerão indestructiveis e admirados pelos seculos.

A mulher foi, é, será sempre o motivo dos grandes empreendimentos e das grandes conquistas. A sua beleza é a razão de ser da sua força, do seu prestígio”. (Kretzchmar, 1932, 1-2)

Ou seja, a importância da mulher ter uma boa aparência e por assim ser saber utilizar-se desse seu “atributo”. Para a autora, as atividades físicas são consideradas como o melhor caminho a ser perseguido quando o desejo é ser bela e graciosa, visto que entende ser a beleza o seu maior encanto da mulher:

“A mulher muitissimo precisa da cultura physica; nella um defeito por menor que seja representa um entrave ás suas aspirações; ella precisa tudo fazer para attingir a perfeição. A sua graça está nas linhas, na elegância de seu porte, na belleza de seu rosto, no brilho de seus olhos, na luz de seus cabellos. A sociedade habituou-se a exigir da mulher todos esses predicados que são essenciaes á saúde. A cultura physica é o alambique milagroso onde se depuram os defeitos, onde se purifica a belleza do corpo, dando-lhe a opulencia da fôrma. (...) A fascinação embriagadora da belleza feminina é mais fulminante que um raio. A mulher possui a força indomavel das vagas, tem o poder fantastico do vento, é a maior de todas as forças. Nada mais forte, nada mais vehemente, nada mais irresistivel, nada mais eloquente que os encantos de uma mulher formosa. (Kretzchmar, 1932, 4)

Beleza e maternidade: imagens coladas à representações do ser feminina presentes nestes livros e também em outras publicações não apenas deste período. Razão pela qual amplio minha análise não mais detendo-me exclusivamente às obras até aqui privilegiadas. Afinal, a construção de imagens de feminilidade não são exclusivas destas obras apesar de tematizarem a especificidade da Educação Física feminina. Essas imagens fazem parte de um contexto sócio-cultural para o qual foram designados diferentes papéis e funções para homens e mulheres. E também diferentes representações do que é ser feminino e masculino para as quais foram e são recomendadas distintas possibilidades de praticar as atividades corporais e esportivas.

A idéia de uma essência feminina voltada para a submissão, a passividade, o sacrifício e a maternidade, por exemplo, que desde o final do século XVIII faz parte do discurso e das práticas da medicina, adquire outras representações nos séculos XIX e XX frente as novas responsabilidades atribuídas as mães e à família nuclear.

Dentro deste jogo de representações, à imagem da mulher maternal que é feminina e bem comportada contrapõe-se a da histérica, da masoquista, da prostituta ou da frígida, cujo jeito de ser precisa de correção e controle, uma vez que representa a vivência de uma sexualidade equivocada, por conseguinte, patologizada. Diferentes métodos que buscam

curar estas anomalias vão sendo experimentados ao longo do tempo, como por exemplo, o uso de medicamentos, eletrochoques, duchas frias, dietas pouco estimulantes, camisa de força e, em alguns casos, intervenções cirúrgicas como a clitoridectomia e a ovariectomia.

No Brasil dos anos 30 as de imagens de feminilidade estão relacionadas com a construção da representação da mulher-mãe. Ou seja, aquela que tem na maternidade a sua mais nobre missão.

No contexto da valorização da família, da higienização dos corpos e do fortalecimento da raça, ser feminina é ser, também, saudável e bela para cumprir os desígnios de seu sexo: casamento e procriação. Razão pela qual a mulher solteira, ainda que não considerada tão anormal quanto a histérica e a prostituta, por exemplo, merece atenção e cuidado visto que ao não cumprir sua função social, pode, também, vivenciar de forma equivocada a sua sexualidade porque celibatária ou excessiva.

Além disto, a mulher sem par (por opção ou por não conseguiu marido) ameaça a representação dominante de feminilidade e, também, a ordem social, uma vez que para garantir sua existência, concorre com os homens no mercado de empregos. (Showwalter, 1990, 36-38). Concorrência esta que, não raras vezes, aparece permeada por insinuações e preconceitos quando, por exemplo, a estas mulheres são coladas representações que combinam elementos presentes nas estereotípias da lésbica, da solteirona feiosa e da feminista histérica. (Nunes, 1998, 227-248)

O temor que a mulher rompa algumas barreiras que delimitam as diferenças culturalmente construídas para cada sexo torna imperiosa a sua feminização, caso contrário, diz o discurso dominante, ela estará se masculinizando. Razão pela qual o movimento feminista, a reivindicação pelo voto feminino, a inserção da mulher no mercado de trabalho, o abandono do espaço doméstico, entre outros, configuram-se como atitudes a serem observadas com atenção e zelo visto que podem desestabilizar uma ordem culturalmente construída.

Feminizar a mulher é, sobretudo, feminizar a aparência e o uso do seu corpo. A postura, a voz, o rosto, os músculos, o modo de vestir, de gesticular e exercitar sua sexualidade são sujeitos à vigilâncias e inibições que são internalizadas a partir de uma submissão ao “outro”. Sendo este “outro” abstrato, coletivo e socialmente imposto.

O corpo feminino, observado como algo a ser manipulado, construído, vigiado e modificado passa a ser alvo de diferentes intervenções, dentre as quais a sua exercitação, uma vez que as práticas corporais e esportivas são identificadas como possibilidades de controle e também como experiências que movimentam e libertam os instintos trazendo-os à flor da pele. Estas práticas, apesar de serem incentivadas, são sujeitas a diversas regras, com a intenção de serem evitadas transgressões além daquelas admitidas como “normais” ao organismo e ao comportamento femininos.

A prática esportiva, o cuidado com a aparência, o desnudamento do corpo e o uso de artifícios estéticos, por exemplo, são identificados como impulsionadores da modernização da mulher e da sua auto-afirmação na sociedade e, pelo seu contrário, como de natureza vulgar que a aproxima do universo da desonra e da prostituição.

Não podemos esquecer que nas primeiras décadas deste século, acelera-se o processo de modernização do país, cujo declínio da produção agrária, em andamento desde meados do século XIX e, em especial, depois da abolição da mão de obra escrava, torna-se fator decisivo para a hipertrofia urbana. As cidades, que outrora tinham sido complementos do mundo rural, adquirem vida própria e primazia transformando os centros rurais em “colônias” a fornecer os subsídios para seu abastecimento. (Holanda, 1975,171,173)

A urgência de civilizar o país, modernizá-lo, espelhá-lo nas potências industriais e inseri-lo no mercado de capitais redefine hábitos, atitudes e comportamentos de homens e de mulheres na medida em modificam-se, também, a oferta de serviços e produtos, as possibilidades de trabalho e de divertimento.

A família patriarcal rural, comandada pelo pai detentor de enorme poder sobre seus dependentes, agregados e escravos, reestrutura-se diante das novas demandas remodelando a imagem da mulher visto que está a se forjar uma outra mentalidade - a burguesa - reorganizadora das vivências sociais, familiares e domésticas, do tempo e da atividade feminina, do cuidado com o corpo e com a saúde.(D'Incao, 1997, 223)

A educação da mulher, o mercado de trabalho feminino, a redefinição do papel social das esposas se por um lado, são necessários a esta nova organização social, por outro, são consideradas como uma ameaça ao núcleo familiar. Teme-se, sobretudo, a dissolução da família, considerada como responsável pela manutenção da ordem social e pela educação da infância, potencial a ser desenvolvido para o enriquecimento da nação. Assim, sob a tutela da eugenia, entendida neste período como uma ciência e como um movimento social, reforça-se a idéia do casamento e da reprodução como indispensáveis à preservação da higiene social e da ordem pública.

A ginástica, os esportes, a dança, o contato com a natureza, os banho de mar, os passeios ciclísticos, as caminhadas, à exposição do corpo ao sol, os cinemas, o “footing”, os saraus, os desfiles de moda, os concursos de beleza, as viagens, a patinação, o corso, conduzir o automóvel e a motocicleta, ao lado de outras práticas de lazer e divertimento, desenham o elenco das novas necessidades sociais, ao mesmo tempo que potencializam a visibilidade das mulheres no espaço urbano. São práticas incentivadas pela Educação Física e ao mesmo tempo colocadas em suspeição, visto que poderiam, se mal realizadas, romper com determinadas regras sociais e sexuais tomadas como naturais. E, por esse motivo, ameaçar a família nuclear urbana.

No campo das atividades corporais e esportivas são muitas as tentações. As ruas exibem novidades e convocam a população para desfrutar de seus prazeres: as máquinas se diversificam e tornam-se mais audaciosas. Os automóveis, aviões, navios e barcos, a motocicleta, os dirigíveis, tornam-se desafios a serem dominados pela ousadia humana do mesmo modo que os esportes, além de representarem uma acessível opção de divertimento, cumprem uma função de destruição da rotina, tanto porque provocam uma excitação agradável, como porque afirmam-se como um dos principais meios de identificação coletiva. (Elias e Dunning, 1985, 322-323)

Ainda que a prática esportiva feminina não seja novidade neste tempo², as mulheres não se eximem de ampliar e diversificar sua participação em competições, apesar de constituírem um número bem menor se comparada aos homens. Turfe, remo, natação, saltos ornamentais, esgrima, tênis, atletismo, arco e flecha, voleibol, basquetebol, ginástica e ciclismo, são algumas das modalidades que, inicialmente, registram o maior número de atletas mulheres.

Essa participação não se dá sem causar certo desconforto em determinados setores da sociedade brasileira, notadamente os mais conservadores visto que tensiona uma imagem idealizada do ser feminina.

No campo da produção da Educação Física, encontram-se discursos progressistas e moralistas, seduzindo e desafiando mulheres tanto para a exibição como para o ocultamento de seus corpos, forjando e criticando novas formas de cuidar de si, reforçando e amenizando a exibição pública do seu corpo como pertencente ao universo pagão das impurezas e obscenidades. Dois periódicos de circulação nacional publicados a partir dos anos 30 são muito reveladores dessa questão. São eles: A Revista Educação Physica e a Revista Brasileira de Educação Physica, órgão de divulgação da Escola de Educação Física do Exército.

Se, por um lado, as recomendações dos médicos, militares e professores que atuam e escrevem na e sobre a Educação Física criticam a indolência, a falta de exercícios físicos, o excesso de roupas e o confinamento no lar, por outro, cerceiam possíveis atrevimentos. Afirmam um discurso voltado para a produção da “nova mulher”: moderna, ágil, companheira, responsável, capaz de enfrentar os desafios dos novos tempos. No entanto, a

representação construída desta “nova mulher” traz poucas possibilidades de construção de um efetivo projeto de emancipação feminina na medida em que, suas “conquistas” devem estar ajustadas aos seus deveres. De outro jeito: precisa ousar sem com isso, esquecer de preservar suas virtudes, suas características gráteis e feminis nem abandonar o cumprimento daqueles deveres que, ao longo da existência, lhe foram designados: o cuidado com o lar e a educação dos filhos.

Por essa razão, as atividades físicas são incentivadas e recomendadas como importantes no cotidiano das mulheres, desde que não ameacem romper com representações dominantes de feminilidade e para as quais são atribuídas funções específicas.

Chamando para si a responsabilidade de prevenir a mulher contra prováveis fatores a ameaçar sua feminilidade, ou melhor, sua capacidade reprodutiva, a Educação Física desse período exaspera não só a prática de determinadas modalidades esportivas, consideradas violentas para o corpo da mulher, como também desaconselha o uso de artifícios estéticos para modelar o seu corpo, como, por exemplo, o espartilho. Este acessório, ao “modelar” o corpo feminino e corrigir assimetrias, decompõe sua forma e prejudica sua capacidade de reprodução. Razão pela qual, não mais parece fazer parte do tempo presente e sim de um passado longínquo e obsoleto.

Para a mulher feminina e mãe, a beleza é sinônimo de saúde e também de uma genitália adequada para cumprir suas funções reprodutivas. Motivo pelo qual, os exercícios físicos e os esportes recomendados devem atentar para que, na sua execução, os ovários sejam preservados de choques consecutivos, o útero esteja bem conformado, a bacia possa ser alargada para facilitar o parto e a região pélvica seja bem desenvolvida, possibilitando abrigar uma vida em formação.

Recorrendo a argumentos científicos advindos das ciências biológicas, essas orientações, imprimem no corpo da mulher, padrões de comportamento que acabam por encobrir uma dimensão que é ideológica e que naturaliza a vocação feminina para a procriação.

Nem viragos, nem lindas flores débeis de estufa diz a Educação Física. Nem excesso de competição nem inatividade física, mas beleza, saúde, graça, harmonia de movimentos, leveza, vigor físico, energia e delicadeza. Se é, portanto, necessária a exercitação do corpo da mulher que seja realizada de forma a que estejam garantidas as características que asseguram seu jeito feminino de ser.

Vejamos, por exemplo, como a dança é recomendada para as mulheres e que contribuição ela traz para a construção de imagens de feminilidade.

Considerada como a atividade corporal que melhor reúne predicados que celebram a sua feminilidade a dança é associada à beleza, à sensibilidade e a uma imaginada e idealizada pureza da alma feminina. Diz-se que é na dança e pela dança que mulher vivencia, pela leveza de gestos e movimentos, o exercício de diferentes sensações corpóreas.

Dançar é mais que desfrutar um deleite estético: é vibrar o corpo em sua plenitude, das vísceras aos músculos e à epiderme; é dilatar a criatividade e a afetividade, ao exprimir, com intensidade, vínculos com a natureza, suas forças e seus elementos, com a sociedade, com o trabalho, com o lazer e com as crenças e os mitos religiosos. Dançar é, também, movimentar desejos ligados ao exercício da sexualidade, despertando e sublimando os instintos e o apetite sexual.

Como uma arte de caráter feminino, portanto, própria para as mulheres, a dança é recomendada porque proporciona a descontração dos movimentos, o relaxamento dos músculos, a flexibilidade do corpo, a explosão das emoções, a graça dos gestos, enfim, a experiência de diferentes sensações que traduzem liberdades corporais e expressivas contrárias à qualquer indício de rigidez.

Para além destas qualidades, é necessário pensar que a dança pode atuar, também, na direção contrária: represar e controlar não os movimentos da mulher que dança, mas

o que está para além deles, no íntimo de sua subjetividade: a impetuosidade das paixões, a energia sexual, os impulsos eróticos e a lascívia.

Escreve Orlando Rangel Sobrinho no seu livro “*Educação Physica Feminina*”: “A dança, ato de grande significação sexual, representa um grande derivativo para o libido, sendo pois um elemento de profilaxia das neuroses”. (Rangel Sobrinho, 1932, 54)

Neurose, histeria e loucura, há muito aparecem associados aos instintos sexuais da mulher e à possível perversão decorrente do seu descontrole, seja pela ausência seja pelo excesso de práticas sexuais. Sob a tutela de diferentes saberes, o corpo e o psiquismo feminino, foram alvo de distintas intervenções, reprimindo e/ou reconhecendo a necessidade do prazer. Em inúmeros estudos do final do século XIX e início deste

“partia-se do princípios de que, por natureza, na mulher o instinto materno anulava o instinto sexual e, conseqüentemente, aquela que sentisse desejo ou prazer sexual seria, inevitavelmente, anormal. Entretanto, a ausência do desejo e do prazer, que muitas vezes poderia provocar na mulher a repulsa pelo ato sexual, não deveria conduzi-la à recusa desse mesmo ato, pois impediria de se realizar com a maternidade. Mais do que a razão de ser de sua existência, ser mãe era considerado, mesmo pelos adeptos da frigidez natural feminina, a única via para salvar a mulher do perigo, sempre iminente, de cair no pântano insondável das doenças, cujas origens e efeitos eram caracterizados pelo entrelaçamento de elementos físicos, psíquicos e morais”. (Engel, 1997, 340-341)

Idéias semelhantes a estas fizeram proliferar diferentes técnicas e estratégias de autoconhecimento e autocontrole que consistem não na restrição a sua movimentação mas, exatamente, no seu contrário: através do movimento e pelo movimento são estabelecidas formas sutis de aplicar um rígido controle sobre si mesmo.

A dança, apesar de possibilitar a criatividade e auto-expressão, também cumpre essa função de censura, dissimulando práticas disciplinares que se contrapõem à plena liberdade da sexualidade feminina. Seus rituais reclamam determinadas formalidades que estruturam hierarquias e disciplinas que buscam restringir e sublimar o despertar de possíveis impulsos sexuais. Sozinha ou em companhia de outras, a mulher aprende a cultivar qualidades inerentes ao ser feminino, como a graça, a beleza, a delicadeza ao mesmo tempo que aprimora a saúde e a harmonia das formas corporais.

Afinal, feminilidade pressupõe beleza e saúde, ainda que sejam diversas as suas representações. Pressupõe, sobretudo, a garantia do que culturalmente foi colado à imagem da mulher: a retidão do seu comportamento, a pureza da sua alma e a beleza do seu corpo.

Através da sua intervenção (na educação formal, nos espaços de lazer e de trabalho, nas publicações específicas, nos clubes esportivos, na elaboração de leis e políticas públicas, entre outras) a Educação Física, subsidiada pelo saber médico e pela ciências biológicas, atua no sentido de preservar os papéis sociais tidos como naturais para um e outro sexo.

Por certo, as imagens de mulher que a Educação Física contribui para construir são imagens femininas. Não porque registram/retratam mulheres mas porque são construídas a partir de um olhar recheado de convenções e para o qual o termo feminilidade parece não

existir no plural. Termo esse definido a partir das convenções culturais e sociais tidas como aceitas para cada grupo social.

Beleza e feminilidade, quando transformadas em obrigação fazem com que as mulheres, desde cedo, aprendam a olhar o seu corpo através das imagens construídas por cada sociedade ou grupo social como sendo aquelas a inspirar a perfeição. Razão pela qual, às vezes não medem esforços em corresponder ao ideal construído sujeitando-se a uma série de rituais e sacrifícios, como por exemplo, retirar as últimas costelas, para tornar mais delgada a cintura.

Chegamos ao final do século XX livres dos espartilhos feitos de barbatana de baleia ou de metal e couro. Os espartilhos modernos disseminam-se em diferentes espaços e tempos modelando o corpo feminino fazendo compreender, também, que o corpo da mulher ao mesmo tempo que é seu não lhe pertence.

¹ Georges Hébert, foi Tenente da Marinha Francesa que, no início deste século, desenvolveu um estudo minucioso sobre as proporções do corpo humano, inspirado pelos diferentes tipos físicos que teve oportunidade de conhecer nas viagens que realizou a diferentes países e continentes.

Impressionado com a beleza das formas físicas de mulheres e homens pertencente a alguns povos que chamou de “primitivos” (negros africanos e índios), estabeleceu comparações entre a harmonia de seus corpos e a harmonia dos corpos representados na estatuária grega, modelo que adotou para expressar a perfeição corporal, visto que estava associado a um programa de atividades físicas cuja aplicação correta proporcionava, além do delineamento proporcional dos músculos um bom estado de saúde. No livro “L’Éducation Physique Féminine. Muscle et Beauté Plastique”, publicado em Paris, em 1919, criticou a adaptação da mulher ao mundo civilizado, cujas exigências, inclusive estéticas, acabavam por deformar e atrofiar seu corpo e partes destes, afastando-as dos padrões clássicos de beleza.

² No Brasil, já no final do século XIX é possível observar atletas femininas competindo, principalmente, em provas de turfe, ciclismo, e atletismo

Referências Bibliográficas:

CRESPO, Jorge. *A História do corpo*. Lisboa:Difel, 1990.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PIORE, Mary Del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. pp. 223.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1985. pp. 322-323.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: PIORE, Mary Del (org.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1975. pp. 171-173.

KRETZCHMAR, Lotte. *Cultura Physica Feminina*. Rio de Janeiro, 1932.

NUNES, Silvia Alexim. A mulher, o masoquismo e a feminilidade. In: BRUSCHINI, Cristina e HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998 pp. 227-248.

RANGEL SOBRINHO, Orlando. *Educação Physica Feminina*. Rio de Janeiro: Typografica do Patronato, 1930

SHOWALTER, Elaine. *Anarquia sexual: sexo e cultura no fin de siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1990. pp.36-38.